

A TRADUÇÃO DO TEXTO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Iria Werlang Garcia
PUC – RS

São abordados, neste artigo, problemas gerais relativos à tradução técnica, no campo da lingüística, e os mesmos referem-se especificamente ao inglês para o português. Os exemplos e contextos empregados foram recolhidos de um capítulo – Fonologia – dos originais do livro de Malcolm Coulthard *Linguagem e Sexo*, Ática, 1990.¹

A discussão divide-se em seções que se referem a considerações gerais sobre tradução, a problemas de tradução de um texto técnico-científico onde se examinam as implicações com o léxico, com a gramática e com o estilo, e a última, que engloba considerações com uma tomada de posição.

Considerações Sobre Tradução

Entre várias definições examinadas, as que se seguem foram selecionadas por serem tanto precisas quanto concisas e por conterem termos explicativos que facilitam a formação de uma imagem completa do que seja tradução. Estas definições ajudam a compreender o compromisso maior do tradutor de criar na língua-alvo um texto que inclua a mensagem expressa na língua-fonte sem trair os leitores e nem os objetivos do autor original. “Traduzir consiste em produzir na língua-alvo o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua-fonte, primeiramente em significado e secundariamente em estilo” (Nida, 1966:19).² “Qualquer texto é singular e, ao mesmo tempo, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original porque a própria língua, em sua essência,

já é uma tradução. (...) Qualquer tradução, até um certo ponto, é uma invenção e, como tal, constitui-se num texto singular” (Paz, apud Bassnett-McGuire, 1980:38).³ Traduzir é “a substituição de um texto em uma língua (língua-fonte) por texto equivalente em outra língua (língua-alvo)” (Catford, 1980:20).⁴ A primeira definição, por E. Nida, é a mais concisa. A segunda, de Octavio Paz, apresenta o conceito da singularidade do texto, independentemente de ser original ou tradução. Por último, a definição de Catford estabelece a relação entre a língua-fonte e a língua-alvo. Na definição de Nida, encontra-se um elemento que pode ser considerado essencial a uma boa tradução e que é representado pela expressão “equivalente natural mais próximo”, onde a palavra ‘natural’ desempenha um papel importante.

Considerando como texto qualquer extensão de língua escrita ou falada e, tendo em mente as definições acima, seria possível descrever qualquer trecho de matéria traduzida como o produto final de uma longa cadeia de ocorrências, envolvendo pelo menos duas pessoas, o autor original e o tradutor. O ponto inicial desta cadeia seria uma idéia, a elaboração mental da mesma, a organização dos pensamentos resultantes em torno da idéia central, seguida da expressão, por escrito, do produto mental final pelo autor original. Esta etapa poderia ser caracterizada como sendo a ‘tradução de um texto mental para um texto escrito’. Novas ‘traduções’ ocorreriam à medida que o texto fosse sofrendo revisões e aperfeiçoamento até atingir sua forma definitiva. A participação do tradutor, por outro lado, se caracterizaria pelas seguintes etapas: leitura e assimilação do texto original, elaboração dos pensamentos em sua mente, adaptação dos mesmos ao código escrito na língua-alvo, ainda como rascunho e, finalmente, re-escrita do texto traduzido – produto final.

A tradução também pode ser considerada, num sentido mais amplo, como a troca de um texto em um determinado estilo por outro na mesma língua porém em estilo diferente. A conversão de obras literárias para adultos em material instrucional para crianças recai neste conceito.

Conforme Nida (1966:13),⁵ todos os tipos de tradução incorrem em: 1) perda de informação; 2) acréscimo de informação; e/ou 3) distorção de informação. No entanto, a mensagem de Brenno Silveira (1954: Prefácio), em sua obra *A arte de traduzir*, sublinha a imperiosa necessidade de o tradutor se manter fiel ao pensamento e ao estilo do autor original. Não cabe, portanto, ao tradutor, interpretar, acrescentar, omitir ou mesmo aperfeiçoar o texto em sua versão. Vale a pena comparar estas idéias com as de Nida. Parece que uma combinação menos rígida dos pensamentos de ambos autores serviria

melhor aos objetivos da boa prática da tradução, permitindo a interpretação, o acréscimo, a omissão e o aperfeiçoamento numa dose mínima capaz de manter a fidelidade aos pensamentos do autor original sem sacrifício da qualidade da tradução, especialmente no que respeita ao público ao qual a mesma se destina. S. Bassnett McGuire (1980:30) parece apoiar este ponto de vista ao afirmar que “às vezes o tradutor pode enriquecer ou esclarecer o texto da língua-fonte como resultado direto do processo de tradução”.⁶

Desta forma, a fidelidade, de um lado, e a liberdade, do outro, ressaltam como qualidades essenciais da atividade do tradutor – a fidelidade na transmissão do significado das idéias, da informação e da mensagem do texto da maneira mais próxima do original; a liberdade para mudar o texto da maneira mais próxima do original, ou seja, para mudar o léxico, a gramática e o estilo como forma de aproximar a tradução da equivalência ideal ao texto original.

Muito embora nem sempre seja possível manter a equivalência de significado e estilo, é importante encontrar a equivalência mais próxima, de modo a transmitir correta e completamente as unidades de informação. Não menos importante é conferir ao novo texto um fluxo natural no que se refere à escolha adequada dos itens lexicais. O novo texto, pois, deve ser lido com naturalidade, como se fosse uma versão original, sem traço detectável da influência da língua-fonte. Um bom tradutor deveria ser capaz de produzir traduções que não pudessem ser reconhecidas como tal. Observa-se, contudo, com certa freqüência até, uma considerável distância entre este ideal e a realidade. Para melhorar esta situação, é preciso que se deixe de atribuir à tradução o estatuto de arte e que se lhe conceda, universalmente, o de uma disciplina já pronta, com foros acadêmicos.

Tradutores que sejam competentes em duas línguas não são fáceis de encontrar. Nos sistemas das Nações Unidas, exige-se dos profissionais que desenvolvam suas atividades traduzindo da língua estrangeira para sua língua-mãe. Candidatos com domínio em áreas específicas têm melhor chance e, lingüisticamente, devem saber como se estruturam as mensagens e como se produzem idéias equivalentes.

A qualidade básica da língua é seu caráter arbitrário. Palavras são agrupamentos de sons, aos quais se atribuem significados arbitrários. Na poesia, salientam-se as qualidades básicas arbitrárias da linguagem. Assim, variações e combinações de sons e acentos, em posições específicas, são explorados pelos poetas para criar padrões impregnados de significado e senso estético. O texto científico ou técnico, por outro lado, dá ênfase à precisão e clareza do significado, ainda que com prejuízo do estilo. As qualidades mais importantes do

código, neste caso, pertencem ao léxico e à gramática. A fonologia, no entanto, merece atenção também, para evitar cacofonias como, por exemplo, **longa linha branca** – uma cacofonia.

Problemas de Tradução de um Texto Técnico-Científico

Os problemas relativos à tradução técnico-científica situam-se em três categorias gerais: lexical, gramatical e estilística.

Os problemas relacionados com o léxico abrangem a maior parte das dificuldades de um tradutor. Nesta seção, são considerados, dentro desta categoria, as questões que se referem à tradução adequada de palavras isoladas, falsos cognatos, palavras compostas e de expressões.

No que se refere à gramática, são discutidos artigos, preposições, tempos verbais, estrutura de sintagmas nominais, estrutura frasal e pontuação. As situações em que ocorrem omissão, acréscimo e distorção de informação estão incluídas nestas categorias e são discutidas conjuntamente. O item **that**, em seus papéis múltiplos, merece atenção especial.

O estilo, por sua vez, está na categoria de problemas que se relacionam com a atitude do tradutor. Deve ser definido no início da tarefa, requer profundo conhecimento da língua-fonte e depende, acima de tudo, de sensibilidade para fatores psico e sociolinguísticos. Estes, por outro lado, estão em função do nível de recursos culturais do tradutor.

Problemas relacionados com o léxico

Alguns problemas podem ter origem em palavras isoladas na língua-fonte, especialmente quando não se encontra um equivalente na língua-alvo. Nestes casos, o tradutor é obrigado a recorrer ao uso de uma locução maior para poder transmitir o significado exato de uma única palavra na língua-fonte. Na área da fonologia, tem interesse particular a tradução de palavras como **pitch, key, tap, glide; low e loud** para qualificar ‘volume’; **low e high** para qualificar ‘altura’.

O substantivo **pitch** e os adjetivos **high e low** nas expressões **the higher the perceived pitch e produce sounds of a lower pitch** poderiam ser traduzidos por ‘mais alta é a altura percebida’ e ‘produzem sons de altura mais baixa’. Os adjetivos ‘alta’ e ‘baixa’, no entanto, podem ser substituídos vantajosamente por ‘agudo’ e ‘grave’: ‘mais agudo é o som percebido’ e ‘produzem sons mais graves’. A palavra ‘altura’, referindo-se a sons, é normalmente associada tanto à idéia de ‘frequência’, como também à de

'intensidade' ou 'volume' de um som. Quando estes dois adjetivos, **low** e **high**, modificam o substantivo **pitch**, a tradução literal torna-se pouco elegante, porém precisa. Tecnicamente, as expressões **sound of high pitch** e **sound of low pitch** são melhor traduzidas por 'som agudo' e 'som grave' do que por 'som de alta altura' e 'som de baixa altura'. 'Agudo' e 'grave', utilizados também na terminologia musical, contêm mais informação numa palavra só e servem para evitar redundância ou contradição aparentes. É aconselhável, portanto, em escritos para um público genérico, acrescentar notas explicativas, ou de rodapé, quando se empregam termos referentes à percepção dos sons, enquanto que palavras como 'agudo' e 'grave' são facilmente compreendidas por um público com formação específica nas ciências físicas, em música ou com formação secundária apenas.

O significado de palavras isoladas em um dado contexto deve ser cuidadosamente avaliado para evitar qualquer confusão. O trecho **the 'key' of men's vowels** comporta as seguintes traduções: 'a "clave" das vogais dos homens', 'a "escala" das vogais masculinas' ou 'o "tom" das vogais dos homens', das quais a última parece ser a mais adequada. O fato de a palavra **key** ter sido usada entre aspas pelo autor demonstra que lhe foi conferido um sentido especial ou inusitado. O dicionário *Novo Michaelis* (1976) apresenta, entre os vários significados que a palavra tem em português, os de 'escala' e 'tonalidade'. E entre os diferentes sinônimos encontrados em *Webster's New Collegiate Dictionary* (1975), os que mais se aproximam do presente contexto são **the tone or pitch of a voice** – 'o tom ou altura da voz'.

Outra palavra que pode oferecer alguma dificuldade é **statement**, como nas frases **We are making at best a statement about average pitch** e **Accent is at face value a statement about social and regional origins**. Enquanto no primeiro caso, a palavra foi traduzida por 'afirmação' – 'faz-se, na melhor das hipóteses, uma afirmação sobre a altura média'; no segundo caso, o melhor significado é conferido pela palavra 'atestado' – 'o sotaque representa de imediato um atestado de origem social e regional'.

As considerações acima, referindo-se a palavras isoladas, como **key** e **statement**, servem para ilustrar o fato de que itens lexicais isolados carecem de significado ou, dito de outra forma, o significado de uma palavra é dado por seu contexto. Conseqüentemente, as palavras devem ser traduzidas de modos diferentes, dependendo de como se relacionam às outras em uma frase, oração ou sintagma.

Os falsos cognatos podem causar confusão em todas as áreas da ciência e da literatura. É necessário um perfeito conhecimento da língua-fonte para que o tradutor possa evitar os erros de algumas traduções feitas por iniciantes que desconhecem as características tanto da língua-fonte como da língua-alvo. Em lingüística, palavras como **phrase**, **sentence**, **period** são causa de erros pelo tradutor inexperiente, o qual, iludido pela semelhança formal, as traduz por 'frase', 'sentença', 'período' em vez de 'sintagma', 'frase' e 'ponto'. O livro de Brenno Silveira, mencionado na seção anterior, inclui uma lista muito útil de falsos cognatos para a tradução inglês/português.

Os tradutores inexperientes podem, às vezes, traduzir a palavra **actually** por seu cognato português 'atualmente' no lugar de 'realmente'. Cabe chamar a atenção para o fato de que o verdadeiro cognato **really** é menos usado do que **actually**.

Dois exemplos ilustram a dificuldade com palavras compostas, **passageway** e **overheard**. É curioso observar que em português cada componente do substantivo composto pode, dependendo do contexto, ser traduzido pela mesma palavra, 'passagem' ou 'caminho'. Para traduzir o significado exato, se tivesse que usar um palavra única, o tradutor deveria escolher uma destas duas possibilidades. É preciso convir, entretanto, que desta forma não se atende o critério de equivalência, pois **passageway** tem um significado mais preciso do que as palavras **passage** ou **way** isoladamente.

Os verbos compostos também podem dar origem a alguns problemas, acima de tudo, por ser difícil encontrar um equivalente na língua-alvo. Em português, por exemplo, não existe equivalente univocabular para **overhear** em um de seus significados, como em **When overheard in another room** – 'quando ouvido de uma sala para outra'.

Quanto a problemas lexicais, é preciso dar atenção ainda a expressões em que se emprega, em inglês, um substantivo na função de adjetivo, o que abre, às vezes, a possibilidade para mais de uma tradução com significado ligeiramente distinto na língua-alvo. Este é o caso, por exemplo, do sintagma nominal **sex difference** que pode tanto ser traduzido por 'diferença sexual' – cabelo, barba, como por 'diferença de sexo' – masculino, feminino. Cabe ao tradutor a decisão sobre qual forma melhor corresponde ao significado pretendido pelo autor, tendo em mente a contextualização da expressão. Expressões fixas que envolvem problemas de colocação apresentam outro tipo de dificuldade. Trata-se, em geral, de expressões idiomáticas que sintetizam uma expressão circunlocutória para obter o significado equivalente no texto traduzido. A este grupo pertencem, entre outras,

at best, surprising as it may seem, in as much as, in so far as e in that.

Problemas relacionados com a gramática

Na tradução inglês/português, os pronomes podem constituir-se numa fonte de erros. Uma das dificuldades que se apresenta é, muitas vezes, a forma neutra **it**, que em português ou desaparece – o assim chamado **dummy it**, ou é traduzida por ‘ele’ ou ‘ela’, os quais também são os equivalentes de **he** e **she**, respectivamente. É bom lembrar que em português não é considerado elegante iniciar uma frase com um sujeito pronominal, particularmente na primeira pessoa, e que, nestas circunstâncias, a terminação do verbo define o sujeito. O uso do pronome da terceira pessoa do plural **they** – ‘eles’ e ‘elas’, também pode, às vezes, causar problemas devido à ambigüidade que facilmente geram no texto original. É o caso, por exemplo, da oração **they tended to assume** que, à primeira vista, poderia ser traduzida por ‘eles (os avaliadores) mostraram-se inclinados a’ em lugar de ‘elas (as mulheres)’ no seguinte contexto: **In experiments where judges were asked to guess the professions and social class of recorded speakers, who in fact differed only in terms of regional accent, women were more prejudiced than men in favour of the standard accent – in other words they tended to assume that speakers with low prestige regional accents had low prestige jobs.**

Muito comum a todos os campos, literatura ou ciência, é a imprecisão do pretérito perfeito no inglês ao qual correspondem dois significados em português: o perfectivo e o imperfectivo. É importante lembrar que em português cada uma destas formas tem significado próprio e que, portanto, cabe ao tradutor decidir, a partir do contexto original, qual forma usar na tradução (Konder, 1987). Por exemplo, **used** pode ser traduzido por ‘usava’ – passado, pretérito imperfecto, como na frase **Shakespeare used boys....** Como isto significa que, para essas produções teatrais, meninos eram comumente empregados, a tradução deverá ser ‘Shakespeare usava meninos’, assim denotando ‘repetidas vezes’, e não ‘Shakespeare usou meninos’, que se referiria a uma ocasião particular apenas.

Os artigos constituem-se num tópico interessante para estudo em tradução, pois às vezes a equivalência entre as formas na língua-fonte e língua-alvo é perfeita, enquanto que em outras o artigo deve ser omitido ou acrescido para se obter a estrutura correta em português. A seguinte frase, por exemplo: **Probably the most obvious sex difference in speech is the pitch of the voice**, traduzida por ‘A

diferença sexual mais óbvia na fala é provavelmente a altura da voz', ilustra o caso de um artigo que foi mantido, *the most obvious sex difference* – 'a diferença sexual mais óbvia', bem como o caso de um acréscimo, *in speech* – 'na fala'. A omissão do artigo ocorreu na tradução de um sintagma nominal explicativo: *the length of the vocal tract, the passageway from the vocal cords to the lips and nose* – 'o comprimento do trato vocal, trajeto desde as cordas vocais até os lábios e o nariz'.

Difícilmente consegue-se correspondência formal, isto é, palavra por palavra, para as preposições. Esta dificuldade não se deve somente ao uso de preposições em expressões idiomáticas, mas também a significados variados que estas palavras adquirem e que nem sempre correspondem a sua tradução literal, como nos exemplos: *just as with all other objects* – 'tal como para todos os outros objetos'; *when we talk about pitch* – 'quando se fala de altura da voz'. Assim como ocorre com os artigos, a opção entre esta ou aquela preposição deve atender ao melhor significado, objetivando uma estrutura correta, adequação estilística e fluidez rítmica.

A palavra *that* é um caso especial e merece um comentário à parte, pois pode funcionar como adjetivo ou pronome demonstrativo, pronome relativo e conjunção. Como demonstrativo pode assumir três formas de tradução e o tradutor deverá decidir entre 'aquilo', 'aquele' ou 'aquela' como a opção mais apropriada. No caso de expressões como *that is*, a tradução não oferece escolha, devendo ser 'isto é'. Como pronome relativo *that* é muito comum em textos técnico-científicos, muito embora a norma britânica prefira *who* ou *which* quando na função de sujeito. A omissão do pronome relativo, também pode dificultar a tradução àqueles que não dominam a estrutura sintática do inglês. De qualquer modo, apenas uma forma é permitida para este caso: 'que'. O mesmo se aplica a *that* como conjunção.

No que se refere à estrutura temática não-marcada, os elementos da oração obedecem à seqüência: sujeito, verbo e complementos. No sintagma nominal, os adjetivos atributivos, via de regra, precedem os substantivos. Na língua-alvo, estas regras talvez se apliquem com menos rigor ou de modo totalmente diferente. Assim, um sintagma nominal como *the most obvious sex difference in speech* pode ser traduzido por 'a diferença de sexo mais óbvia na fala' ou 'a diferença mais óbvia de sexo na fala'. Vale observar a alternância na ordem dos adjetivos. Contrariamente, *pitch range* torna-se 'faixa de altura', sem alternativa de seqüência no português para o modificador *pitch*.

O texto técnico-científico, porque deve ser preciso e conciso, é preferentemente formado de frases curtas. Assim sendo, as frases muito longas e complexas, com coordenação e subordinação, são cuidadosamente evitadas em português. Em conseqüência, a pontuação do texto traduzido nem sempre segue àquela do texto original. O ponto-e-vírgula é freqüentemente substituído por ponto final. Para apresentar expressões explicativas, isoladas da linha principal do pensamento, acrescentam-se vírgulas. O mesmo recurso é usado em função da ordem inversa dos elementos da frase. Já em inglês, pelas peculiaridades de sua estrutura frasal, o uso de vírgulas é menos rigoroso.

Problemas relacionados com o estilo

A literatura técnico-científica é normalmente dirigida a um público composto de estudantes de graduação e pós-graduação, de professores e de pesquisadores. Com exceção do material científico preparado para divulgação ao público em geral ou para alunos de 1º e 2º graus, numa linguagem mais íntima, ou menos formal, os trabalhos científicos são normalmente escritos num estilo compatível com o padrão lingüístico mais alto.

Os textos científicos preparados pelas organizações pertencentes ao sistema das Nações Unidas são escritos na forma impessoal. Conseqüentemente, as frases são estruturadas na voz passiva, ou na voz ativa com o sujeito impessoal **one**, em se tratando do inglês. Neste idioma ainda, fora dos padrões das Nações Unidas, as formas pessoais são aceitáveis e dependerá do objetivo do trabalho ou da política da editora aceitar textos em estilo menos formal. A não ser quando se trata de literatura científica destinada a alunos em escola primária ou secundária, a forma preferida é a impessoal. Como um exemplo típico, a oração **when we talk about pitch** seria traduzida por 'quando se fala de altura de voz'.

A escolha de um registro mais elevado leva, algumas vezes, à perda de informação, ainda que de importância secundária. A seguinte expressão: **Milroy looked at three (...) and discovered (...) that she could reliably identify (...)** pode ser traduzida por 'Milroy examinou três (...) e descobriu (...) que era possível verificar com segurança (...)'. Porém, se o tradutor optar por um registro menos formal, a tradução será 'Milroy examinou três (...) e descobriu (...) que ela podia identificar com segurança (...)', que contém a informação a respeito do sexo do autor.

Aubert (1987:15) indica fatores culturais e sociais como determinantes de modificações no estilo, uma vez que um profissional, ao

defrontar-se com diferenças lexicais e gramaticais de natureza sócio-lingüística e antro-po-cultural entre o texto original e o traduzido, poderá preferir ser menos fiel à forma para manter-se fiel à mensagem.

A tradução de uma obra do inglês para o português pode não ser completamente literal se o público leitor para o qual é destinada se compõe de indivíduos pertencentes ao ambiente universitário, estudantes de graduação e de pós-graduação, e pessoas de cultura mediana. Assim, por exemplo, um trecho como **When we talk about** traduzido por 'Quando a gente fala de' ou mesmo 'Quando (nós) falamos de' teria uma tradução correspondente ao conceito de tradução literal, mas qualitativamente estaria dirigida a um público menos formal. A versão em português padrão 'Quando se fala de', impessoal, seria mais do agrado do público que o autor deseja atingir do que qualquer das outras duas formas. O mesmo se aplica a **is by no means the whole of the story** onde 'não esgota de modo algum o assunto' cabe melhor do que 'mas isso não é toda a estória' que se adequaria mais a uma conversa informal em português.

Considerações Finais

Conforme ficou dito anteriormente, os problemas da tradução de textos técnico-científicos dizem respeito ao léxico, à gramática e ao estilo. Os dois primeiros tipos podem ser resolvidos meramente na base do conhecimento, isto é, domínio de ambas língua-fonte e língua-alvo e, estritamente falando, estes dois fatores decidem quanto à correção ou incorreção de um texto traduzido.

O estilo, no entanto, depende, em grande parte, de considerações de natureza fluida, tais como fatores psicológicos e sociológicos que exigem muito mais do que apenas a competência técnica do tradutor quanto ao léxico e à gramática. A denominação mais apropriada, talvez, do componente que desempenha o papel mais importante no momento de decidir por um registro apropriado na tradução é cultura.

Infere-se do exposto que, uma vez conferido um tratamento correto ao léxico e à gramática, a qualidade da tradução passa a depender fortemente do estilo. É neste ponto que a definição de Nida (ibidem), "Traduzir consiste em produzir na língua-alvo o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua, primeiramente em significado e secundariamente em estilo", pode ser melhor lembrada e melhor entendidos seus termos. O conceito expresso pela palavra **natural** adquire nova dimensão, que abrange significado – léxico e gramática – e estilo – abordagem segundo critérios psicológico, sociológico e cultural.

No âmbito da tradução, a área técnico-científica é de grande importância e requer uma revisão minuciosa de suas peculiaridades e um tratamento cuidadoso de seus problemas.

Notas

- 1 Este artigo baseia-se num trabalho realizado durante o segundo semestre de 1987 na disciplina de Tradução do Curso de Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente da Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2 "Translating consists in producing in the receptor language the closest natural equivalent to the message of the source language, first in meaning and secondly in style."
- 3 "Every text is unique and, at the same time, it is the translation of another text. No text is entirely original because language itself, in its essence, is already a translation. (...) Every translation, up to a certain point, is an invention and as such it constitutes a unique text."
- 4 "The replacement of textual material in one language (SL) (source language) by equivalent textual material in an other language (TL) (target language)."
- 5 "All types of translation involve (1) loss of information, (2) addition of information, and/or (3) skewing of information."
- 6 "the translator can at times enrich or clarify the SL text as a direct result of the translation process."

Referências

- AUBERT, Francis. A Tradução Literal: Impossibilidade, Inadequação ou Meta? In: *Ilha do Desterro*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 17(1):13-20, 1987.
- BASSNETT-McGUIRE, S. *Translation Studies*. London, Methuen, 1980.
- CATFORD, J.C. *A Linguistic Theory of Translation*. London, Oxford University Press, 1965.
- COULTHARD, M. *Linguagem e Sexo*. Trad. Caldas-Coulthard, C.R. São Paulo, Ática, 1990.
- KONDER, Rosa W. *Tempo e Duração no Inglês e Português: Tentativa de Aplicação da Análise Contrastiva para a Explicação das Diferenças no Uso de Algumas Formas Verbais*. Florianópolis, Curso de Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987. (Mimeo).
- NIDA, E. (1959). *On Translation*. A Galaxy Book. London, Oxford University Press, 1966.
- NOVO MICHAELIS: *Dicionário Ilustrado*. 19ª.ed. Volume I, Inglês-Português. São Paulo, Melhoramentos, 1976.
- SILVEIRA, Brenno. *A arte de Traduzir*. 2.ed. Biblioteca de Educação, nº 35. São Paulo, Melhoramentos, sem-data. (Prefácio por Lourenço Filho, 1954).
- WEBSTER'S NEW COLLEGIATE DICTIONARY. A Merriam-Webster, Massachusetts, Merriam Company, 1975.